

Fernando Molica

Dias perfeitos e em paz

Diretor de “Dias perfeitos”, o alemão Win Wenders disse que o filme é o que mais perto já conseguiu chegar da paz — condição que, para ele, depende muito de se estar satisfeito com o que se tem, de não ceder ao que chama de vício de crescimento.

Protagonista do longa, Hirayama (Koji Yakusho) é um homem feliz com o que tem, e tem muito pouco: mora num pequeno apartamento e limpa banheiros públicos de Tóquio.

Solitário, lê todos os dias, ouve belas canções a caminho do trabalho, lancha todos os dias num mesmo parque, molha suas plantas, fotografa sempre os mesmos galhos de uma árvore (mesmos para nós, não há luz nem movimento que se repita).

A desambição de Hirayama chega a ser incômoda: como assim ele pode dar um sorriso para o céu ao sair de casa, todos os dias, pronto para limpar banheiros? Como ser tão conformado, e tão cuidadoso ao passar pano em privadas?

Mas Hirayama não está preocupado conosco. A vida é dele, que a desfruta do jeito que quer. Há no filme indícios de problemas pretéritos com sua família, com a irmã e, talvez, com o pai. Mas essas pistas ficam soltas, o diretor do longa não pareceu muito interessado em devassar a intimidade de seu personagem.

É provável que, a exemplo de outros criadores, Wenders tenha se rendido à autonomia conquistada por sua criatura. É como se o protagonista tivesse fugido do controle do diretor e tenha decidido rotei-

rizar e montar a própria vida.

Não se trata de se fazer uma elegia a uma vida tão modesta e simples. Mas apenas de reconhecer o óbvio, cada um tem o direito de fazer o que bem entende, desde que não faça mal a terceiros.

O personagem nos faz pensar em nossas vidas, em nossos projetos, delírios e frustrações. Na lista de canções por ele ouvidas bem que poderia estar o “Samba do Irajá”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, aquele do “Sensação de na verdade/ Não ter sido nem metade/ Daquilo que você sonhou”.

Se entendesse português, Hirayama talvez desse um daqueles seus discretos sorrisos ao ouvir a gravação em uma de suas fitas cassete — saberia que a letra não fora escrita para ele. Mas também não julgaria os que com ela se identificam, que nela buscam algum consolo e carinho.

Ontem, domingo, Hirayama certamente levou suas roupas à lavanderia, passou no sebo para comprar um livro, foi ao pequeno bar comandado por uma mulher que parece encantar seus olhos e aquecer seu coração. À noite, estendeu o edredom azul sobre a esteira e dormiu bem, apesar de um ou outro sonho meio esquisito.

Hoje, acordou com a paz dos que não precisam explicar mensagens relacionadas à compra de projeto de lei ou a um conchavo com governadores, nem falar sobre contratos milionários com escritórios de advocacia. Ninguém pediu sua ajuda para tentar se livrar da cadeia. Livre, Hirayma terá hoje um outro dia perfeito.

Grupo Santa Casa

Preservar a Santa Casa é defender uma causa coletiva

A Santa Casa de Campinas e o Hospital Irmãos Penteado são símbolos vivos da história da cidade. Seus prédios, jardins, capela e espaços não representam apenas arquitetura, mas a memória de gerações que acreditaram na solidariedade, na fé e no cuidado com o próximo.

Desde sua fundação, a Santa Casa foi construída com doações, trabalho voluntário e compromisso público. Cada parede, cada enfermaria e cada espaço do complexo hospitalar carregam a marca de uma instituição que sempre existiu para servir à população, especialmente aos mais vulneráveis.

Defender esse patrimônio é um dever institucional. Não se trata apenas de conservação arquitetônica, mas de garantir que a gestão da instituição seja responsável, transparente e comprometida com a sustentabilidade financeira e social da Santa Casa.

A história mostra que instituições sólidas se fortalecem quando combinam respeito ao passado com boas práticas de administração. Planejamento,

governança e equilíbrio financeiro são formas modernas de preservar uma causa antiga e nobre.

Ao longo do tempo, a Santa Casa sempre contou com diferentes lideranças e contribuições. Essa alternância de ideias, visões e responsabilidades ajudou a manter a instituição viva, relevante e conectada com a cidade. E é isso que defendemos: alternância para evitar continuidade que possa, no lugar do coletivo, prevalecer o interesse individual.

Preservar a Santa Casa é defender uma causa coletiva. É proteger seu patrimônio, fortalecer sua gestão e garantir que ela continue cumprindo sua missão com dignidade, hoje e no futuro.

***Monsenhor Fernando de Godoy Moreira, Padre João Batista Silvestre da Fonseca (Capelão da Santa Casa), Antônio Salvador Pedretti Neto, Beth Abrahão, Daniele Schettini, José Nunes Filho, José Roberto Rocha Soares, Stela Borghi, e William Campagnone.**

EDITORIAL

Investir na Polícia Civil é investir na segurança

A segurança pública costuma ser tratada, no debate político, quase sempre pelo viés do policiamento ostensivo. Viaturas nas ruas, operações de impacto e aumento de efetivo nas forças de patrulhamento costumam ocupar o centro das discussões. No entanto, uma parte essencial desse sistema permanece frequentemente invisível ao público: a polícia investigativa.

A Polícia Civil exerce um papel estratégico no enfrentamento à criminalidade. É ela que investiga homicídios, desarticula quadrilhas, rastreia golpes financeiros, apura crimes cibernéticos e reúne provas que permitem ao sistema de Justiça responsabilizar criminosos. Sem investigação qualificada, o combate ao crime se torna superficial, incapaz de atingir as estruturas que sustentam organizações criminosas.

Nesse contexto, o alerta feito por representantes da categoria sobre carência de investimentos, déficit de efetivo e evasão de profissionais merece ser tratado com seriedade. Não se trata apenas de uma reivindicação corporativa. Trata-se de um debate que diz respeito diretamente à qualidade da segurança pública oferecida à população.

São Paulo é o estado mais rico do país e abriga alguns dos maiores centros urbanos e econômicos da América Latina. Essa realidade exige uma estrutura investigativa robusta, capaz de lidar com crimes cada vez mais sofisticados, que vão

desde o avanço das facções criminosas até golpes virtuais que atravessem fronteiras e afetam milhares de cidadãos.

Investir na polícia investigativa significa fortalecer delegacias, garantir equipes completas, oferecer tecnologia adequada e assegurar condições de trabalho que permitam aos profissionais exercer suas funções com eficiência. Também significa reconhecer que a valorização dos quadros é fundamental para evitar a perda de profissionais experientes, cuja formação leva anos e representa um patrimônio institucional difícil de repor.

A sociedade muitas vezes percebe apenas a ponta do problema, a demora em um registro de ocorrência ou o tempo necessário para a conclusão de uma investigação. Mas por trás desses processos estão estruturas que dependem diretamente de planejamento, recursos e gestão eficiente.

Fortalecer a Polícia Civil não é apenas uma demanda de servidores públicos. É uma necessidade estratégica para qualquer política de segurança que pretenda ser eficaz. Sem investigação forte, o Estado corre o risco de combater apenas os efeitos da criminalidade, deixando intactas as causas e as organizações que a sustentam.

Investir em inteligência, investigação e valorização profissional é, em última instância, investir na própria segurança da sociedade.

Opinião do leitor

Mulheres

A boca da mulher tem o fascínio da eternidade. O dorso dela respira sentimentos. Os olhos acolhem rosas de doçura. O encontro das mãos faz das mulheres o emblema do carinho. A mulher borda o mundo. Com corações de pétalas.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PERU EM EBULIÇÃO POLÍTICA COM POSSÍVEL GOLPE DE ESTADO

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de março de 1931 foram: Pan American Airways cogita abrir um serviço postal entre os Estados Unidos e países da América Latina. Peru entra em ebulição

política com possível golpe de Estado. Governo português desmente boatos de crise em sua base política. Acordo naval entre Inglaterra, França e Itália trava por questões financeiras.

HÁ 75 ANOS: TROPAS ALIADAS COMEÇAM A OCUPAR CIDADES AO REDOR DE SEUL

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de março de 1951 foram: Tropas Aliadas começam a ocupar as cidades ao redor de Seul, jogando os chineses para o norte da Península. União Soviética

desloca exército para a fronteira da Iugoslávia. Parlamento iraniano debate a nacionalização do petróleo. Agravando-se a crise política no Maranhão sob a posse de Eugênio de Barros como governador.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilmar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SR - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SR CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.